O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO NA PSICOTERAPIA SÓCIO-HISTÓRICA[1]

Heider Assunção Batista*
Newton Antônio de Sales Costa**
Petra de Assis***

Resumo: Este artigo tem por objetivo abordar a questão do Materialismo Histórico e Dialético na psicoterapia Sócio-Histórica. Como proposta metodológica, usa-se a pesquisa bibliográfica, priorizando-se discussões relacionadas à abordagem da Psicologia Sócio-Histórica. Os principais teóricos(as) e estudiosos(as) que embasaram este artigo foram: Ana Mercês Bahia Bock, Maria da Graça Marchina Gonçalves, Odair Furtado, Lev Vigotski, Karl Marx, dentre outros (as). As principais discussões sugerem que a dialética do material/social e a subjetividade se entrecruzam; articulando o interpsíquico ao intrapsíquico. Assim, a psicologia Sócio-Histórica apoiada pelo viés marxista, tem repertório clínico teórico e prático, capaz de formular uma *práxis* que dê conta de provocar reflexões e mudanças nas atitudes das pessoas, retirando delas o prognóstico de que suas dificuldades são causas intrínsecas e isoladas em si mesmas, contribuindo para a transformação social.
Palavras-chave: Psicologia. Sócio-Histórica. Dialética. Contexto.

Abstract: This article is the result of a theoretical study, whose objective was to approach the Historical and Dialectical Materialism in the clinic of Socio-Historical Psychology. The bibliographical research was used as a methodological proposal, prioritizing discussions related to the approach of Socio-Historical Psychology. Thus, the main writers and scholars used in this article were: Ana Mercês Bahia Bock, Maria da Graça Marchina Gonçalves, Odair Furtado, Lev Vigotski, Karl Marx and many others mentioned. The main discussions suggest that the material/social dialectic and subjectivity intersect; articulating the interpsychic to the intrapsychic. Thus, Socio-Historical Psychology, supported by the Marxist bias, has a theoretical and practical clinical repertoire, capable of formulating a praxis that is able to provoke reflections and changes in people's attitudes, withdrawing from them the prognosis that their difficulties are intrinsic and isolated causes. in themselves, contributing to social transformation.

Keywords: Psychology. Socio-Historical. Dialectics. Context.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial de avaliação para obtenção do título de bacharel no curso de Psicologia, do Centro Universitário UNA, sob orientação da professora Dra. Fabíola Fernanda do Patrocínio Alves.
*Especialista em Gestão de Pessoas pela UNA. Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário UNA.
** Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário UNA.
*** Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário UNA.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa em psicoterapia Sócio-Histórica, e tem como referência teórica o método preconizado pelo Materialismo Histórico e Dialético. Optou-se pela escolha desse tema, devido à escassez de material sobre a técnica marxista nesse âmbito de atuação, o que levou os autores e as autoras a se questionarem se essa abordagem é realmente possível. Registra-se que houve uma identificação dos autores(as) com o tema e com as ideias trazidas por Vigotski, em relação ao ponto de vista social. Esta pesquisa ajudará na interpretação de casos clínicos fora da visão tradicional, trazendo em seu bojo, a possibilidade de uma nova abordagem.

O objetivo geral da pesquisa é compreender como o Materialismo Histórico e Dialético fundamenta a psicoterapia Sócio-Histórica. Quanto aos objetivos específicos, propõe-se: apresentar o Materialismo Histórico e Dialético enquanto um método; abordar o processo de psicoterapia na perspectiva Sócio-Histórica; articular o Materialismo Histórico e Dialético e o processo de psicoterapia na perspectiva Sócio-Histórica. O problema que gerou essa pesquisa foi: como o Materialismo Histórico e Dialético fundamenta a psicoterapia Sócio-Histórica?

Este trabalho torna-se relevante por promover discussões acerca do fenômeno psicológico fora dos campos tradicionais da psicoterapia, por considerar a relação dialógica entre os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, relacionados com a ação de cada indivíduo no contexto em que se encontra, segundo sua cultura e sua construção material.

O desenvolvimento deste trabalho, a partir da introdução, se organiza da seguinte maneira, a saber, a segunda seção trará a nossa metodologia, a terceira abordará uma breve contextualização sobre Materialismo Histórico e Dialético. A seção número quatro discorrerá das contribuições da perspectiva Sócio-Histórica para o processo de psicoterapia; em seguida, far-se-á uma articulação entre a

psicoterapia da abordagem vigotskiana e o método Materialista Histórico e Dialético. Por fim, serão apresentadas as considerações finais do estudo.

2. METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois demonstra uma análise ampla e histórica do fenômeno estudado. Essa escolha se faz necessária em razão de elucidar o fazer clínico a partir de uma psicologia crítica, contribuindo para superação das dicotomias pré-existentes, abstratas e naturalizantes do ser humano(a), compreendendo seu contexto social e histórico.

De acordo com Vergara (2000), a pesquisa pode ser classificada quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, a pesquisa se apoiará em referências bibliográficas, e fornecerá informações trabalhadas por autores(as), constituindo as fontes secundárias, abrangendo a bibliografia pública do tema por meio de publicações científicas: livros, artigos, monografias, dissertações e teses. Quanto aos meios, utilizará os procedimentos da revisão de literatura. MATTOS (2015) corrobora a ideia de que a revisão de literatura é um processo de busca, análise e descrição de conhecimentos para respostas de perguntas específicas, com abrangência de todo material relevante escrito sobre um determinado tema.

Vale ressaltar, que dentro da revisão de literatura, a escolha do grupo consiste na perspectiva narrativa, visto que, esta seleção de estudos pode estar sujeita aos processos de subjetivação dos (a) autores(a), sendo também adequada para a fundamentação teórica de publicações científicas. Segundo CASARIN (2020), neste tipo de revisão, não há obrigatoriedade de que os/as autores/as informem detalhadamente os procedimentos ou critérios usados para selecionar e utilizar as referências incluídas na análise, sendo esta seleção arbitrária e não sistemática da literatura referenciada.

Devido ao fato de a revisão ser narrativa, não serão aplicadas estratégias de buscas sofisticadas e de caráter exaustivo. As informações apresentadas se remetem a fatos flexíveis, que variam de acordo com a situação e os atravessamentos que os cercam. A revisão narrativa, além de ser a mais adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses e trabalhos de conclusão de curso, permite que a seleção dos estudos e a interpretação das informações estejam sujeitas à subjetividade dos autores. Salienta-se que nem

todos os dados referentes ao assunto proposto neste trabalho serão apresentados, visto que esta pesquisa não esgotará toda a pauta ligada à sua proposta (MATTOS,2015).

No intuito de proporcionar uma pesquisa científica no campo da psicologia crítica, utilizou-se de achados em sites acadêmicos conceituados como Scielo, Google Acadêmico, Pepsic, NEXIN Puc e também livros conceituados da área. Utilizou-se de descritores como “Psicologia Sócio-Histórica", "Psicologia Social Crítica", "Psicologia Sócio-Histórica na clínica”, “a clínica e a Psicologia Sócio-Histórica” e “Psicologia Crítica”. Não foram considerados filtros com datas de publicações, visto que para esse trabalho, este campo se torna irrelevante.

3. O QUE É O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO E QUAL A SUA METODOLOGIA?

Na tentativa de elucidar a complexidade do Materialismo Histórico e Dialético enquanto método, serão apresentadas algumas contribuições de autoras e autores de diferentes áreas do conhecimento, em diferentes momentos históricos, cronologicamente apontados neste artigo, corroborando o fundamento da Teoria Marxista.

Segundo Araújo e Siqueira (2021), o Materialismo Histórico e Dialético de Karl Marx e Friedrich Engels surge no período da Modernidade e traz a noção de historicidade para a análise do sujeito em todos os seus aspectos, tendo o trabalho como um conceito importante na sua manutenção enquanto teoria para entendimento da realidade social dos sujeitos.

> Tomando por base a abordagem materialista histórica, Marx analisava a produção social em um dado estágio de desenvolvimento da sociedade humana. E, a partir de suas constatações, buscou compreender como os seres humanos constituídos socialmente produzem seus meios de vida. Portanto, ele constatou que a produção e a reprodução da vida material que se efetivam por meio do trabalho confirmam a centralidade do trabalho na vida do ser social e de constituidor da história dos homens, sobretudo através da luta de classes. (ARAÚJO E SIQUEIRA, 2021, p.2).

Uma das contribuições trazidas pela Teoria Marxista é a ressignificação da ideia de dialética, a qual busca compreender conceitos aparentemente opostos, como sendo complementares uns aos outros, de maneira interdependente. Para Satre (1960, p.) *apud* Konder (2008), “a dialética pode ser compreendida como a

lógica viva da ação, visto que, no curso da atitude o sujeito descobre a dialética como transparência racional enquanto ele a faz, e como necessidade absoluta enquanto lhe escapa, ou seja, enquanto os outros a fazem também”.

Pires (1997) confirma que a dialética presente no pensamento de Marx surge como uma tentativa de superação da dicotomia, ou seja, da clivagem entre o sujeito e o objeto. Menciona-se que o termo “dialética” surgiu na história da humanidade ainda na Grécia antiga, como a arte do diálogo. Sócrates e Platão empregaram este conceito para desenvolver sua filosofia. Mas é com Hegel (filósofo alemão) que ela retoma seu lugar na filosofia ocidental, sendo Hegel o pioneiro na elaboração da dialética como método, desenvolvendo o princípio da contraditoriedade, ao afirmar que uma coisa é e não é ao mesmo tempo.

O Materialismo Histórico e Dialético propõe que, a partir do contexto social no qual o indivíduo está inserido, é possível ou não buscar formas de tornar-se ser o que se deseja, na busca de mudanças ativas nos espaços sociais, transformando não só a si como também abrindo espaço para outras pessoas serem influenciadas. Conforme Araújo e Siqueira (2021), na perspectiva Marxista, o homem e a mulher transformam a sociedade e as suas ações também geram mudanças em si, através de um desenvolvimento nos ambientes coletivos, pautado por uma historicidade e os seus recursos disponíveis em tempo real, ou seja, quando acontecem.

Konder (2008), defende que o princípio da realidade no qual estamos inseridos(as), manifesta-se de forma objetiva/compartilhada e, ao mesmo tempo, de forma subjetiva/particular, em um movimento intersecional de polos antagônicos: “Na acepção moderna, entretanto, “dialética” significa o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação. (KONDER,2008, p.9)”.

Tomando por base o Materialismo Histórico e Dialético, os autores Araújo e Siqueira (2021), apresentam uma possível contribuição de Marx para âmbito laboral, a fim de entender a relação do sujeito com as suas atividades. Esses achados marxistas demonstram que o sujeito responsável pela execução de certa atividade contém um conhecimento único e exclusivo, pois apenas ele realizará essa ação no seu dia a dia. E acrescentam,

> Em suas obras, ele detém-se às análises e explicações das mudanças e dos conflitos que se erigiram num período marcado por grandes revoluções. Marx foi quem definiu a categoria trabalho em termos materiais e históricos. (ARAÚJO E SIQUEIRA, 2021, p.2).

Portanto, “o trabalho resulta em produtividade por meio da força usada na sua execução, além das relações sociais que são estabelecidas e fundamentais nessa abordagem, para a compreensão de todo esse contexto num olhar de historicidade (ARAÚJO E SIQUEIRA, 2021, p.2)”.

Conforme sustentam Bock, Gonçalves e Furtado (2015), o Materialismo Histórico e Dialético aposta na importância do sujeito atuante, pois na perspectiva materialista, sujeito e objeto têm existência objetiva e real e, na visão dialética, formam uma unidade ambivalente, de contrários, agindo um sobre o outro, que significa dizer que o indivíduo é atuante porque é consciente, além disso, o sujeito é atuante da ação sobre o objeto, que é uma ação de transformação desse objeto. A ação do sujeito transforma o objeto e o próprio indivíduo, sendo, necessariamente, situada e datada num contexto que é social e histórico. O materialismo histórico e dialético contrapõe o sujeito atuante e consciente, coletivo e histórico. Essa contraposição representa a expressão da contradição histórica do capitalismo que, dialeticamente, carrega em si a sua negação.

González Rey, psicólogo e educador cubano, contribui que para se pensar em uma nova compreensão de social a partir da perspectiva sócio histórica cultural, é necessária uma condição dialética:

> O social, portanto, representa de forma permanente uma combinação dialética do externo e do interno; é externo, pois, como forma da realidade, não se esgota naqueles aspectos que têm uma significação para o sujeito individual, e é interno, porque sua significação sempre vai depender de um processo de constituição de sentido, no qual interno e externo perdem sua condição de antinomia e se integram em uma completa relação dialética dentro de sua definição subjetiva. (GONZÁLEZ REY, 1997, p.119).

Lane (1984), postula que tornou-se necessária uma nova dimensão espaço-temporal para a compreensão do sujeito como um ser concreto, manifestante de uma totalidade histórica-social. Por isso, a necessidade da procura de uma psicologia contextualiza que partisse da materialidade histórica por e produtora de seres humanos,

> É dentro do materialismo e da lógica dialética que vamos encontrar os pressupostos epistemológicos para reconstrução de um conhecimento que atenda à realidade social e ao cotidiano de cada indivíduo e que permita uma intervenção efetiva na rede de relações sociais que define cada indivíduo – objeto da psicologia social. (LANE,1984, p.16).

A teoria vigotskyana fundamentada no materialismo histórico-dialético representa um método mais coerente de leitura da realidade e do desenvolvimento histórico humano, constituindo uma importante ferramenta na tarefa de estabelecer um modelo científico de estudo dos fenômenos psíquicos, de acordo com Santa e Baroni (2014):

> [...] o caráter de classe e as distinções de classe como responsáveis pela formação dos tipos humanos. As várias contradições internas, as quais se encontram nos diferentes sistemas sociais, encontram sua expressão acabada tanto no tipo de personalidade, quanto na estrutura do psiquismo humano de um período histórico determinado [...]. De tudo isso resulta não só que o tipo humano autenticamente único diferencia-se e fragmenta-se em vários tipos, de diferentes classes sociais – como estes, por sua vez, permanecem em agudo contraste entre uns e outros –, mas também a corrupção e a distorção da personalidade humana, assim como a sua sujeição a um desenvolvimento inadequado, unilateral, no interior mesmo de todas essas diferentes variantes tipológicas humanas (VIGOTSKI, 1930, p. 3).

Assim, considerando a presença do Materialismo Histórico em vários campos de estudos, sendo referenciado para a compreensão de fenômenos em ambientes pautados nas relações sociais, contêm aspectos materiais carregados de significados produzidos por seres humanos e humanas. Este artigo pretende discutir essa teoria, fazendo um recorte no âmbito psicoterápico, a fim de se pensar sobre suas contribuições no campo da Psicologia Sócio Histórica.

4. O PROCESSO DE PSICOTERAPIA NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA:

A Psicoterapia Sócio-Histórica propõe métodos de atuação diante de um sujeito que necessita atenuar seu sofrimento atravessado por diferentes determinações sociais, históricas e culturais. França (2011) aponta que o desafio da psicoterapia Sócio-Histórica é compreender a gênese do desajuste psicológico através do relato histórico do próprio cliente. É importante saber que o passado do indivíduo não o determina, mas pode influenciá-lo em suas escolhas, tanto no presente quanto no futuro. Ainda segundo este autor, o objetivo da psicoterapia é

colocar o sujeito subordinado a sua experiência, para que assim, ele perceba a sua capacidade de produzir sentidos subjetivos alternativos àqueles relacionados ao seu conflito e/ou sofrimento.

A partir do momento em que o sujeito em psicoterapia busca se tornar consciente do seu sofrimento, algumas vezes, produzido pelo seu contexto, o exercício da capacidade de pensar abre possibilidades ou não de atuar dentro do seu convívio social, no sentido de provocar transformações. França (2011), sustenta que para que os profissionais de psicologia tenham êxito na psicoterapia Sócio-Histórica, é preciso considerar a linguagem como um instrumento de mediação, visto que a linguagem humana é um produto da consciência. Portanto, é necessário que o cliente externalize suas emoções através da palavra, para que assim, ele possa entender seus sentimentos e sua historicidade.

O estudo da psicoterapia Sócio-Histórica embora seja pouco conhecido, abrange uma forma de ver as pessoas nas suas diversas possibilidades, a partir do contexto onde vivem, buscando proporcionar um olhar mais político/social, de forma crítica e expansiva, considerando um contexto social estruturado em paradigmas e classes sociais. Para Bock, Gonçalves e Furtado (2015), a qualidade do diálogo na relação terapêutica determina os processos de sentido e significação, gerando novos processos de subjetivação, os quais permitem ao cliente um posicionamento ativo em relação aos conflitos vivenciados.

(Vigotski, 2000, p.26) defende que “por trás de todas as funções superiores e de seus nexos estão relações geneticamente sociais, relações reais entre pessoas. *Homo duplex*’’). O ser humano que vive em contextos, nos quais as ações que realiza são motivadas por aspectos que não pertencem à sua consciência, tende a se ver deslocado do seu papel de vida, enquanto não enxerga o caráter determinante de suas atitudes.

É possível entender que o sujeito não nasce com as suas possibilidades garantidas, pois tudo depende do contexto em que se desenvolverá ou não, para conseguir o ele busca, a fim de se potencializar. Ressalta-se que conforme aponta a literatura referenciada, a dialética se faz presente em todo o construto da Psicologia Sócio-Histórica “aquilo que é internalizado das relações sociais não se restringe à materialidade, mas ao sentido que elas têm para as pessoas” (SAWAIA; SILVA, 2015, p. 348). Portanto, é necessário considerar que esse mesmo indivíduo antes mesmo de ser concebido, já terá a sua história de vida marcada inicialmente por

vários determinantes coletivos, dentre eles, a situação econômica do seu grupo familiar e do lugar onde viverá, já que isso influenciará diretamente as suas oportunidades de vida.

A partir disso, a sua consciência será um elemento difícil de ser acessado, pois devido a essa duplicidade, é provável que esse sujeito se veja em dúvida a respeito da construção que elabora dos significados concretos no meio onde se encontra inserido. Segundo Leão e Santos (2014, p.41), “a consciência pode ser compreendida como os conteúdos e processos subjetivos que permitem ao indivíduo se relacionar no ambiente material e social.” Porém, se há um confronto sobre quem esse mesmo indivíduo possa ser, talvez haja também, uma alienação da sua vivência no mundo, onde em outras palavras, possa ser considerado como o inconsciente sócio-histórico.

Vygotsky (2004) também escreveu sobre o inconsciente em seus estudos ao criar uma nova abordagem para a Psicologia, baseada na superação das dicotomias existentes na época, diferente de muitos autores, que viam este conceito como algo fisiológico, conforme,

> [...] o ponto de vista dialético afirma que o inconsciente não é nem psíquico, nem fisiológico, nem psicofisiológico, ou, sendo mais exatos, psicológicos. Essa definição ajusta-se à autêntica natureza e às autênticas características do objeto, já que consideramos todos os fenômenos de comportamento como processos integrais. (Vygotsky, 2004, p. 157).

Assim, o ser humano(a) que vive em contextos nos quais as ações que realiza são motivadas por aspectos que não pertencem à sua consciência, tende a ser deslocado do seu papel de vida, enquanto não enxerga o caráter determinante de suas atitudes. Como consequência, o mesmo pode se questionar sobre a sua história e o seu propósito, correndo o risco de entrar num grande conflito de papéis consigo e com as pessoas a sua volta, visto que, a partir do momento em que se incomodar e até mesmo contestar essa esfera da qual faz parte, poderá colocar em risco uma realidade em que existem várias outras pessoas.

Para Leão e Santos (2014), se a consciência está presente no homem ou na mulher através de suas ações, ambos se questionam sobre o que fazer e o que não fazer, por meio de análises e reflexões críticas sobre os seus objetivos. O inconsciente também se manifesta no comportamento, mas sob a forma de impossibilidade: o homem ou a mulher fazem sem saber o porquê. Havendo mais

conteúdos inconscientes, ambos acabam sendo dominados por essa realidade, ao invés de utilizar-se dela para satisfazerem as suas necessidades. Por um lado, caso obtenha sucesso nesse papel de questionamentos, é possível que a essa consciência seja despertada, ocasionando inúmeras mudanças no modo de vida, mas se o percurso for diferente, é possível que este se aprofunde cada vez mais em seu sofrimento.

A respeito do manejo clinico e das técnicas utilizadas na psicoterapia Sócio-Histórica, Lima e Carvalho (2013), Quintino-Aires (2011) e Marangoni (2012) destacam: a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), heterocronia, instigação e estimulação das potencialidades, despotencialização, contextualização, compreensão empática, nomeação, repetição, marcação, generalização, eco-emocional, re-expressão, pôr-verbos e complementação de frase e a conversação, que devem ser utilizadas de forma contextualizada à realidade de cada cliente.

Quintino-Aires (2006) sugere que os/as psicoterapeutas criem um conjunto de técnicas de intervenção adequadas para seu uso, e que favoreça a construção mútua no processo de psicoterapia. O autor salienta a importância de se utilizar o conceito de internalização defendido por Vigotski, a fim de que os significados antes interpsicológicos passem a ser intrapsicológicos.

Destaca-se que Vigotski(1935) trouxe uma contribuição importante acerca do papel das emoções no *setting* terapêutico, uma vez que, para este autor, através do emocional, os seres pensantes ,desenvolvem a capacidade de sentir e dar sentido as suas emoções, que influenciarão todo um modo de ser e estar no mundo: “[...] não são os fatores externos em si mesmos que determinam o desenvolvimento psicológico, mas os mesmos fatores refratados pelo prisma da experiência emocional” (VIGOTSKI, 1980, p. 180).

Esta seção teve por objetivo abordar o processo de psicoterapia na perspectiva Sócio-Histórica, considerando as contribuições de autores e autoras que desenvolveram pesquisas e materiais para apoiar a realidade de profissionais de psicologia, que escolheram atuar com este arcabouço teórico. No próximo tópico, será apresentada uma tentativa de articulação entre o Materialismo Histórico Dialético e o processo psicoterápico na abordagem Vigotskiana.

5. O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO NA PSICOTERAPIA SÓCIO-HISTÓRICA:

Os autores e as autoras estudados/as nessa vertente da Psicoterapia Sócio-Histórica, apresentam discussões acerca de sua abrangência e atuação diante de um sujeito que necessita atenuar seu sofrimento atravessado por diferentes determinações sociais, históricas e culturais. Para Kahhale, Costa e Montreozol (2020), além do olhar ampliado e articulado em rede, a psicoterapia deve ser potencializadora, no sentido de ampliar a consciência do sujeito através da reflexão sobre sua identidade social, e suas múltiplas determinações, favorecendo o desenvolvimento de uma *práxis* por meio da qual os processos psicossociais sejam repensados e trabalhados a partir da realidade do indivíduo dominado. O papel dessa atuação busca a ampliação da consciência, potencializando o cidadão para superar a condição alienada que o aprisiona, tornando-o agente ativo de transformação das condições opressivas do seu contexto, considerando as contradições desse processo de alienação da população menos favorecida. Montreozol (2020), afirma,

> Refletiremos, portanto, sobre uma práxis clínica que amplie a consciência e potencialize o sujeito para que assuma uma posição ativa, avançando assim para além da passividade que a sociedade capitalista o coloca, tornando-o propositalmente impotente para manter e perpetuar assim as relações de poder. (KAHHALE; COSTA; MONTREOZOL, 2020, p.704).

Nesse sentido, esta seção tem como objetivo demonstrar como ocorre a articulação entre o Materialismo Histórico Dialético e a Psicoterapia Sócio-Histórica enquanto *práxis* de transformação ético-política da realidade subjetiva e social. Assim, de acordo com Vásquez (1977),

> Para pensarmos em uma prática clínica a partir dos pressupostos que a teoria psicológica sócio-histórica nos proporciona, devemos, a princípio, compreender que neste princípio a prática psicológica deve ser vista a partir do conceito marxista de práxis, isto é, de ação transformadora, transcendente à condição de simples ação. Esse pressuposto auxiliará na compreensão das intervinculações e interdependências entre singular-particular-universal que apontamos como norteador da prática clínica. A práxis marxista pode ser definida como “atividade material do homem que transforma o mundo material e social para fazer dele um mundo humano” (VÁSQUEZ, 1977, p. 3 *apud* KAHHALE; MONTREOZOL, 2019, p. 196).

No intuito de demonstrar, de forma didática, a articulação entre o método e a Psicoterapia Sócio-Histórica serão apresentados fragmentos de um caso clínico que

foi trabalhado pela Psicóloga Ana Maria Poppovic, PUC-SP, presente no livro “Psicologia Sócio-Histórica e Desigualdade Social: do pensamento à práxis”, publicado pela editora Imprensa Universitária, 2019, organizado por: Gisele Toassa, Tatiana Machiavelli Carmo Souza e Divino de Jesus da Silva Rodrigues. Esse caso específico foi apresentado no Eixo 2: História, teoria e método: novas fronteiras, no tópico: A CLÍNICA NA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: UMA ABORDAGEM DIALÉTICA.

“O caso clinico apresenta a seguinte configuração: Joana, mulher negra adulta, 40 anos, auxiliar de disciplina em uma escola pública, procurou ajuda psicológica após se sentir discriminada por alguns companheiros no ambiente de trabalho. Ela apresentou, então, queixa de extrema agressividade e irritação, e se considerando responsável pela sua incapacidade de manter relacionamentos e ser alguém na vida”. Neste trecho, é possível compreender a materialidade presente no Método Marxista, tendo em vista a realidade objetiva (compartilhada por todos e todas nós) e subjetiva (o que é particular em cada um/uma de nós). Quando apresentamos a ideia de materialidade no estudo da psicologia, pode-se ocorrer o equívoco por parte de alguns leitores e leitoras de que a Psicologia Social e a Psicologia Sócio-Histórica são a mesma ciência, visto que seus discursos e práticas se aproximam de forma dialética. Para Lane (2008), uma das mais importantes teóricas da Psicologia Social da América Latina, o enfoque da Psicologia Social é:

> O enfoque da Psicologia Social é estudar o comportamento de indivíduos no que ele é influenciado socialmente. E isto acontece desde o momento em que nascemos, ou mesmo antes do nascimento, enquanto condições históricas que deram origem a uma família, a qual convive com certas pessoas, que sobrevivem trabalhando em determinadas atividades, as quais influenciam na maneira de encarar e cuidar da gravidez e no que significa ter um filho. (LANE, 2008, p. 8).

Vale ressaltar que, para Kahhake e Montreozol (2019), não significa que a Psicoterapia Sócio-Histórica submeta-se exclusivamente aos discursos e às práticas da Psicologia Social, todavia, ela não está em um terreno oposto ou alheio ao social, mas sim como correlato dialético na consideração de que não há pessoa sem família, aprendizagem sem cultura, loucura sem ordem social. Entende-se que a condição intrassubjetiva é desenvolvida a partir das relações intersubjetivas, o saber ao sistema simbólico, e as desordens (psíquicas e também sociais) às normas morais e a uma normalidade social. Cabe então à psicologia clínica, compreender

que lidamos com uma realidade contraditória, a qual não se apresenta enquanto mundo real, mas tem a consistência e validez do mundo real. Sendo assim, a *práxis* terapêutica da psicologia deve considerar, a partir da lógica dialética, que a realidade pode ser alterada de modo revolucionário na medida em que tomamos conhecimento(de modo social e histórico, de que nós mesmos a produzimos).

Em continuação ao caso clínico, “Joana até os 3 anos de idade, foi criada pela mãe, juntamente com duas irmãs mais velhas em São Paulo, época na qual ficou inviável para a sua mãe continuar cuidando das filhas, deixando-as na casa da avó materna no interior de Minas Gerais. Elas, as três irmãs, são chamadas de as negrinhas da família, pois a mãe teve outros filhos que se acham brancos. A avó materna batia muito nas irmãs dela quando a desobedeciam ou quando estava irritada; onde o avô materno tentava protegê-las das surras da avó. Joana relata ter sentido muito medo da avó naquela época e muita raiva atualmente. Voltou a São Paulo aos 14 anos, onde passou a trabalhar e estudar”. Já neste momento da história de vida de Joana, a historicidade do método Marxista poderia ser usada para a análise das suas experiências de vida. Ou seja, esta mesma vivência objetiva da realidade se transforma em subjetiva, ao mesmo tempo em que se torna histórica porquê parte da historicidade e das vivências da própria. Segundo os autores:

> [...] E, assim sendo, notamos que a escolha de um sujeito nunca é individual e isolada em si mesma, ela está contida no coletivo que o faz ser quem é e ter tais comportamentos e decisões. Somos, portanto, muito mais do que nossas escolhas, mas tudo aquilo que está contido nela, ou seja, as múltiplas determinações socio-históricas. (LANE, 2008, p. 8 *apud* KAHHALE, MONTREOZOL, 2019, p. 710).

Em seguida, os autores que compartilham o caso clínico em questão, apresentam o manejo clínico construindo com Joana, um processo dialógico e reflexivo, bem como uma compreensão sobre as múltiplas determinações dos processos vividos por ela e a configuração singular que elaborou sobre si. “Inseriu-se sua história na do Brasil e nas desigualdades que caracterizam o povo brasileiro. A descrição que Joana faz das surras que sofria, era semelhante ao processo de submissão sofrido pelas pessoas escravizadas no período da escravatura brasileira”. Nessa via, conforme apontado por Gonçalves (2009), a prática social clínica ocorre inserida em relações sociais:

> A atividade significa prática social, ou seja, ocorre inserida em relações sociais historicamente definidas. Assim, os significados presentes nas relações sociais têm caráter ideológico (representam interesses concretos e determinados) e encerram contradições. Os sentidos pessoais, produzidos pelo sujeito, revelam a presença ativa do indivíduo nesse processo, podendo representar uma complexificação, uma ratificação ou uma naturalização aparente da contradição social. (GONÇALVES, 2009, p. 290).

É, portanto, neste processo coletivo que a subjetividade social e plural se expressa nas vivências singulares de Joana. Assim, no atendimento clínico psicológico, quando se retomou a história da escravatura, Joana localizou sua história pessoal no processo coletivo, tendo a possibilidade de ressignificar sua experiência de violência na infância no processo dialógico e reflexivo do atendimento. Assim, "o ato clínico deve ser contextualizado e refletido, onde quer que este se realize ou onde quer que a clientela esteja" (DUTRA, 2004, p. 383). Ainda para este mesmo autor, é preciso evitar abstrair o ser humano do contexto em que ele vive, e não utilizar um psiquismo universal, pois, é preciso repensar a concepção de que os sujeitos são responsáveis e capazes de promover seu próprio desenvolvimento independente das condições nas quais os mesmos estão inseridos.

"No momento em que a psicóloga trouxe para as sessões outros significados para as crises de agressividade, Joana pôde compreender a reprodução de modelos construídos historicamente, inseridos na sua história pessoal, na de sua família e também, na da sociedade brasileira (pessoas negras), recuperando assim a relação singular-particular-universal como condição para a conscientização e (re)organização psíquica por meio da historicidade".

Para (Kahhale; Costa; Montreozol (2020),

> Portanto, para que se pense no sujeito a ser potencializado por meio de uma clínica ampliada na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, faz-se necessário compreender que esse sujeito faz parte de uma sociedade capitalista, o que implica saber que este pertence a uma das duas classes sociais estabelecidas pelo capitalismo, ou seja, naquela que detém o capital e os meios de produção ou na outra que vende sua força de trabalho. Em ambas, seja a classe dominante ou a classe dominada, há implicações que refletem na cultura e ações individuais, inseridas num coletivo. Ampliar a consciência desse sujeito na apreensão das múltiplas determinações no seu ambiente sociocultural e suas relações ao mesmo tempo que apreende que este mesmo ambiente o constitui, é essencial para que tenha uma participação ativa em prol de uma vida significativa e transformadora citação alienante. (KAHHALE; COSTA; MONTREOZOL, 2020, p.711).

Ao se conscientizar de suas emoções e ações, Joana pôde-se apresentar de outra maneira no ambiente de trabalho. “Ao invés de xingar e brigar, passou a argumentar e a defender seus direitos e também dos alunos(as) na escola na qual trabalha. Passou a inserir-se em grupos de atividades variadas na região onde mora, como grupo de penteados afros”.

Para Martin Baró (1996) *apud* Kahhale, Costa e Montreozol (2020), a Psicoterapia Sócio-Histórica deve considerar que a conscientização do sujeito não consiste apenas na mudança de opinião sobre a realidade, mas numa mudança das pessoas no processo de relação com o mundo e, sobretudo, com os demais, pois, não há saber verdadeiro que não seja essencialmente vinculado com um saber transformador sobre a realidade. Por outro lado, não há saber transformador da realidade que não envolva uma mudança das relações entre as pessoas. Ainda segundo Martin Baró:

> Estamos propondo que o psicólogo promova a desalienação da consciência individual no sentido de eliminar ou controlar aqueles mecanismos que bloqueiam a consciência da identidade pessoal e levam a pessoa a comportar-se como um alienado, como um “louco”, ao mesmo tempo em que se deixa de lado o trabalho de desalienação da consciência social, no sentido de suprimir ou mudar aqueles mecanismos que bloqueiam a consciência da identidade social e levam a pessoa a comportar-se como um dominador ou um dominado, como um explorador opressivo ou um marginalizado oprimido (MARTÍN-BARÓ, 1996, p. 17).

A afirmação do autor exemplifica os princípios da Psicoterapia Sócio Histórica articulada ao método do Materialismo Histórico e Dialético numa tentativa de responder ao problema levantado neste trabalho. Conforme Lima e Carvalho (2013), a teoria vigotskyana que é fundamentada pelo materialismo histórico dialético, torna-se sócio- interacionista por levar em consideração os planos de desenvolvimento caracterizados como filogenético, sociogenético e ontogenético:

> [...] o plano filogenético, que é a história da espécie, para entender como se originam os processos que hoje são tipicamente humanos (Oliveira, s/d): o sociogenético, que é a história da cultura onde o sujeito está inserido (a autora acrescenta que esse plano não diz respeito somente a país, mas também a classe social, valores, família, tipos de pares ou até mesmo a convivência religiosa), e o plano ontogenético, que trata da história do desenvolvimento do indivíduo como Ser desde seu nascimento; a ontogênese atenta não para o que o sujeito aprendeu, mas para como ele aprendeu.(LIMA; CARVALHO, 2013, p.156).

Sendo assim, na teoria vigotskyana, “os processos psicológicos superiores têm sua origem nas relações sociais, assim entende que o sujeito não é um mero receptáculo, mas é produtor e produzido pelo contexto em que vive” (LIMA; CARVALHO, 2013, p.156). A linguagem ocupa um lugar central na teoria de Vigotski, uma vez que é um sistema simbólico básico de todos os grupos culturais.

Espera-se que as produções aqui contidas possibilitem mais abrangências da Psicoterapia Sócio-Histórica, ampliando as possibilidades de desenvolvimento de uma *práxis* verdadeiramente crítica, que permita através de seu embasamento teórico, a apropriação das produções históricas e sociais pelos sujeitos singulares. Lima e Carvalho (2013) advertem quanto à necessidade dos/as profissionais de psicologia se posicionarem como mediadores(as) no desvelamento das múltiplas e contraditórias determinações da existência singular de seus clientes, e adotem uma postura ético-política em busca da superação das desigualdades sociais favorecendo a potência criativa da vida.

6. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O presente artigo foi fruto de uma pesquisa em psicoterapia Sócio-Histórica, apoiada no método do Materialismo Histórico e Dialético. Espera-se que o problema da pesquisa “Como o Materialismo Histórico e Dialético” fundamenta a psicoterapia Sócio-Histórica” tenha sido abordado a contento. Este estudo revelou que a Psicologia Sócio-Histórica apoiada pelo viés marxista, tem repertório clínico teórico e prático, capaz de formular uma *práxis* que dê conta de provocar articulações que gerem reflexões e mudanças nas atitudes do/a paciente/cliente. Tal proposta necessita-se de uma relação profissional que possa ser construída em psicoterapia, pautada pelo nosso Código de Ética.

Através do estudo de caso da Joana, nossa intenção foi demonstrar de forma didática como é possível uma práxis clínica que leve em consideração o posicionamento dos/as profissionais de psicologia como mediadores/as críticos/as frente as contraditórias determinações da existência singular dos/as clientes que necessitam atenuar seu sofrimento psíquico, a partir da compreensão do contexto social desses sujeitos, da interação de acontecimentos sociais, culturais e constitutivos, e, de modo dialético, também constituintes desses sujeitos; assim, desmistificando a ideia de que as nossas dificuldades vivenciadas são causas intrínsecas e/ou isoladas em cada um e uma de nós.

As contribuições da Psicologia frente ao tema se dão pelos trabalhos iniciados por Vigotski na teoria Sócio-Histórica baseada no marxismo, e que tiveram continuidade pelos seus sucessores e sucessoras, a fim de que fosse trazida uma alternativa de atuação além das abordagens tradicionais, visando uma transformação social através da prática no âmbito clínico.

Levaremos a discussão proposta nesta pesquisa para a nossa vida profissional, através dos futuros estudos que faremos a partir daqui, para darmos continuidade e contribuições a esse campo relativamente novo. Nosso intuito é contribuir para a construção do arcabouço teórico da presente abordagem, possibilitando que, cada vez mais, pessoas possam acessar os conhecimentos referentes às possíveis atuações do profissional de Psicologia na psicoterapia Sócio-Histórica baseada no Materialismo Histórico e Dialético.

Consideramos que a temática abordada apresenta várias perspectivas a serem investigadas. Assim, fica explícita a necessidade de outros estudos no campo, a fim de que essa questão sobre a psicoterapia Sócio-Histórica continue a ser problematizada.

7. REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Wagner Dos Reis Marques & Siqueira, Antonio. (2021). O materialismo histórico dialético e a historicidade da sociedade em Marx (1818-1883). Research, Society and Development. 10. e7410212012. 10.33448/rsd-v10i2.12012.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.) Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

Casarin ST, Porto AR, Gabatz RIB, Bonow CA, Ribeiro JP, Mota MS. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do *Journal of Nursing and Health.* J. nurs. health. 2020;10(n.esp.):e20104031.

DUTRA, E. (2004). Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia* (Natal), 9(2), 381-387.

Edna Maria Severino Peters Kahhale | Cléa Maria Alonso da Costa | Jeferson Renato Montreozol. Psicologia Política. vol. 20. n.49. pp. 702-718. 2020.

FRANÇA, A. (2011). Ensaio sobre a clínica sócio-histórica em Vygotsky. Recuperado em 26 set. 2001 de HTTP:// naborfranca.sites.uol.com.br/psicologia-clinica.

GONÇALVES, M. G. M. (2009) – A contribuição da Psicologia Sócio-Histórica para elaboração de políticas públicas. In: A. M. B. Bock (Org.), *Psicologia e o compromisso social* (3ª ed., pp. 227-293). São Paulo: Cortez.

GONZALEZ REY, F. Epistemologia cualitativa y subjetividad. São Paulo, Educ, 1997.

GONZÁLEZ Rey, F. L. (2011). Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia. São Paulo: Cortez.

KAHHALE, Edna Maria Severino Peters; COSTA, Cléa Maria Alonso da e MONTREOZOL, Jeferson Renato. A clínica psicológica: da tradição alienante à potência sócio-histórica do sujeito. **Rev. psicol. polít. [online].** 2020, vol.20, n.49, pp. 702-718. ISSN 2175-1390.

KAHHALE, Edna Maria Severino Peters; MONTREOZOL, Jeferson Renato (2019) – Uma Clínica na Psicologia Sócio-Histórica: Uma Abordagem Dialética. In: G. Toassa (Org.), *Psicologia Sócio-Histórica e Desigualdade Social: do Pensamento à Práxis* (1ª ed., pp. 200-202). Goiânia: Editora Imprensa Universitária.

KONDER, Leandro. O que é dialético: **Coleção Primeiro Passos.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

LANE, S. T. M e CODO, W. (org.). **Psicologia social:** o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEITE, Edna Xenofonte. Et al. Materialismo histórico dialético: Contribuições para a realização da pesquisa científica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 04, Ed. 11, Vol. 05, pp. 47-54. Novembro de 2019. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/materialismo-historico>. Acesso em 21 set. 2021.

LIMA, Paula Márcia de; CARVALHO, Carolina Freire de Carvalho de. A Psicoterapia Socio-Histórica. **Psicol. cienc. prof**. , Brasília, v. 33, n. spe, p. 154-163, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000500015&lng=en&nrm=iso>. acesso em 19 de maio de 2021.

LIMA, D.; BOMFIM, Z.; PASCUAL, J. G. Emoção nas veredas da Psicologia Social: reminiscências na filosofia e psicologia histórico-cultural.

MARANGONI, S. (2012). Ludoterapia como um vygotskyano faz. Recuperado em 08 de agosto, 2012 de http://www.ipaf.com.br .

MARTÍN-BARÓ, I. O papel do Psicólogo. Estudos de Psicologia, v. 2,

PEREIRA, J. J. B. J.; FRANCIOLI, F. A. de S. MATERIALISMO HÍSTÓRICO-DIALÉTICO: Contribuições para a teoria Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, *[S. l.]*, v. 3, n. 2, p. 93–101,

2012. DOI: 10.9771/gmed.v3i2.9456. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9456.> Acesso em: 21 set. 2021.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online].** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9.

PIRES, M. F.C. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Paradigmas de Interpretação da Realidade e Projetos Pedagógicos,** Botucatu, ago. 1996.

QUINTINO-AIRES, J. M. (2006, fev.). A abordagem sócio-histórica na psicoterapia com adultos. **Psicol. Am. Latina.,** 5. Recuperado em 17 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.psicolatina.org/Cinco/adultos.html>. Acesso em: 29 de Junho de 2021.

QUINTINO-AIRES, J. M. (2011). Psicoterapia vigotskyana. Recuperado em 26 setembro, 2011. Disponível em <http://www.ipaf.com.br/>. Acesso em 30 de Juno de 2021.

SANTA, Fernando Dala e BARONI Vivian. **As Raízes Marxistas Do Pensamento de Vygotsky: Contribuições Teóricas Para a Psicologia Histórico-Cultural.** Kínesis, Vol. VI, n 12, 2014, p.1-16.

SANTOS, Lívia Gomes dos e Leão, Inara Barbosa O inconsciente sócio-histórico: aproximações de um conceito. **Psicologia & Sociedade [online].** 2014, v. 26, n. spe2, pp. 38-47. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000600005>. Acesso em 29 de Junho de 2021.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; Guindani, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais** Ano I - Número I - Julho de 2009.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VIGOTSKI, L. S. (2007) *A Formação Social da Mente:* o desenvolvimento dos processos psicológico superiores. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 7ª edição.

VYGOTSKY, L. S. A transformação socialista do homem. In **VARNITSO**, 3, p. 36-44, 1930.Trad. Roberto Della Santa Barros. Disponível em: <http://www.pstu.org.br/cont/subjetividade_vigotski.pdf > Acesso em 21 set. 2021b.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade,* v. 21, n. 71, p. 21-44, [1929]2000c.

VIGOTSKI, L. S. *El papel del ambiente en el desarrollo del niño. In: BLANCK (ed.). La genialidade y otros textos inéditos.* Buenos Aires: Editorial Almagesto. [1935]1998d.

VIGOTSKI, L. S. (1998) *Pensamento e Linguagem.* São Paulo: Ed. Martins Fontes. 2ª edição.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte.* São Paulo: Martins Fontes, [1925]1999f.

VIGOTSKI, L. S. (2004). *Teoria e Método em Psicologia* (3ª Ed.). São Paulo: Martins Fontesg.